



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Pedro Jofily Miranda Cruz**

*Apesar da Crise: Relatos Universitários*

**RELATÓRIO TÉCNICO**  
*do Trabalho de Conclusão de Curso*  
apresentado à disciplina de *Projetos*  
*Experimentais* ministrada pelo Prof.  
Fernando Antonio Crocomo no  
segundo semestre de 2019  
**Orientador: Prof. Samuel Pantoja**  
Lima

**Florianópolis**  
**Dezembro de 2019**

<b>FICHA DO TCC</b>	<b>Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC</b>		
<b>ANO</b>	2019.2		
<b>ALUNO</b>	Pedro Jofily Miranda Cruz		
<b>TÍTULO</b>	Apesar da Crise: Relatos Universitários		
<b>ORIENTADOR A</b>	Samuel Pantoja Lima		
<b>MÍDIA</b>	<input type="checkbox"/>	<b>Impresso</b>	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Video	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
<b>CATEGORIA</b>	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	<b>Produto Jornalístico (inteiro)</b>	<b>Local da apuração:</b>
	<input type="checkbox"/>	<b>Reportagem</b> livro-reportagem ( )	(x) Florianópolis (x) Brasil (x) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul País: _____
<b>ÁREAS</b>	Política; Saúde mental; Universidade; Juventude; Ilustrações.		
<b>RESUMO</b>	<p>Atualmente, o Brasil passa por um momento de efervescência política e social. O que se iniciou com as Jornadas de Junho, hoje resultou em um país dividido politicamente, onde as instituições de ensino público estão cada vez mais ameaçadas. No meio de tudo isso estão os estudantes, que precisam lidar com suas próprias realidades e bem estar, enquanto acompanham as decisões políticas que afetam suas realidades e futuro. Este Trabalho de Conclusão de Curso busca tratar das questões relacionadas à saúde mental universitária durante esse turbulento momento nacional. Utilizando ilustrações e texto em primeira pessoa, se criou uma narrativa através dos relatos de dez estudantes, de diferentes</p>		

	<p> cursos da universidade, passando pelos acontecimentos políticos que trouxeram o Brasil ao momento atual. A grande reportagem mistura relatos pessoais, entrevistas e dados de pesquisa para apresentar a naturalização de comportamentos danosos à saúde mental a depressão e o suicídio na universidade a importância de terapia, tratamento e grupo de apoio e a vida universitária durante as greves estudantis de 2019.</p>
--	---

## AGRADECIMENTOS

À minha família. Meus pais, irmãs, avós e tias, que sempre estiveram presentes e abertos para aceitar quem eu sou e minha maneira de ver o mundo.

À Aline, Amanda, Bruno, Camila, Carla, Catarina, Erick, Felipe, Jade, Lívia, Manie, Manoela, Marina e demais colegas de curso, que estiveram ao meu lado na construção dessa importante etapa da minha vida, dividindo conhecimento, inspiração e experiências.

À Ana Beatriz Slomski, Augusto Galego, Bianca Costi, Caio Pereira, Christian Jürgensen, Daniel Martins, Davi Antunes, Guilherme Lemos, Haziel Schneider, Heloísa Kallenberger, Henrique Martins, Isadora Machry, Isis Constance, João Pedro Fernandes, Leonardo Cheder, Lívio Serra, Manoela Bueno, Marcella Prado, Mariana Smânia, Mariana Thomé, Nicholas Kucker Triana e Tiago Lima Cunha, por sempre fornecerem afeto, amizade, inspiração, e todas as outras coisas que não consigo listar.

À Elaine Tavares, Maicon Cláudio da Silva, e toda a equipe do IELA, pelo espaço de aprendizado e crescimento.

Aos professores que me acompanharam em meu tempo como estudante de jornalismo, sem os quais eu não seria capaz de produzir esse trabalho. À Edécio Philippi e Diogo Boccardi por terem me fornecido um lugar onde eu pude me tornar quem sou agora. À minha psicóloga, pelo acompanhamento ao longo deste trabalho, e por tantos anos antes disso.

À Mariany Bittencourt, Isadora Teixeira Machry e Andréa Teixeira Machry, pelo auxílio com a correção do texto.

Ao professor Samuel Pantoja Lima, pelos ensinamentos, pela confiança, e pela orientação neste projeto.

E finalmente, aos estudantes brasileiros. Os dez alunos que confiaram em mim para contar suas histórias, e todos os demais, que seguem diariamente com a esperança de um futuro melhor.



## SUMÁRIO

<b>1 RESUMO</b>	<b>6</b>
<b>2 APRESENTAÇÃO DO TEMA</b>	<b>7</b>
2.1 A saúde mental na mídia	7
2.2 A situação política brasileira atual	8
2.3 A saúde mental universitária	9
<b>3 JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO</b>	<b>10</b>
3.1 Do tema	11
3.2 Da angulação	12
3.2.1 Capítulo 1: Castanho	12
3.2.2 Capítulo 2: Azul	13
3.2.3 Capítulo 3: Rosa	13
3.2.4 Capítulo 4: Branco	13
3.3 Do formato	14
<b>4 PROCESSO DE PRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
4.1 Pré apuração	16
4.2 Treinamento gráfico	17
4.2.1 Pesquisa Gráfica	18
4.3 Apuração e Fontes	18
4.3.1 Organização das fontes	24
4.4 Produção textual e gráfica	25
4.5 Finalização	26
<b>5 RECURSOS</b>	<b>27</b>
5.1 Equipamentos	27
<b>6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>29</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>31</b>

## RESUMO

Atualmente, o Brasil passa por um momento de efervescência política e social. O que se iniciou com as Jornadas de Junho, hoje resultou em um país dividido politicamente, onde as instituições de ensino público estão cada vez mais ameaçadas. No meio de tudo isso estão os estudantes, que precisam lidar com suas próprias realidades e bem estar, enquanto acompanham as decisões políticas que afetam suas realidades e futuro. Este Trabalho de Conclusão de Curso busca tratar das questões relacionadas à saúde mental universitária durante esse turbulento momento nacional. Utilizando ilustrações e texto em primeira pessoa, se criou uma narrativa através dos relatos de dez estudantes, de diferentes cursos da universidade, passando pelos acontecimentos políticos que trouxeram o Brasil ao momento atual. A grande reportagem mistura relatos pessoais, entrevistas e dados de pesquisa para apresentar (1) a naturalização de comportamentos danosos à saúde mental (2) a depressão e o suicídio na universidade (3) a importância de terapia, tratamento e grupo de apoio e (4) a vida universitária durante as greves estudantis de 2019.

Palavras-chave: Política; Saúde mental; Universidade; Juventude; Ilustrações

## **2. APRESENTAÇÃO DO TEMA**

Este trabalho foi desenvolvido para a propor uma reflexão acerca de como o jornalismo pode ser usado para contar histórias e desenvolver uma relação próxima ao leitor. Evitando impessoalidades, o texto reportagem é escrito na primeira pessoa do singular, costurando relatos pessoais com entrevistas. Os desenhos que acompanham cada capítulo buscam não somente cumprir o papel de ilustrar o que é lido, mas também de fornecer uma narrativa visual própria, estimulando a sinestesia do público leitor.

Ao longo de seus quatro capítulos, a reportagem se aprofunda na temática da saúde mental universitária durante o turbulento período atual brasileiro. Utilizando somente relatos pessoais de estudantes, o texto busca construir uma visão diversificada acerca de uma realidade tão comum para tantos.

### **2.1 A saúde mental na mídia**

As diversas doenças relacionadas à saúde mental ainda são estigmatizadas e invisibilizadas em muitas discussões, tanto no ambiente acadêmico quanto no social. Sejam transtornos de ansiedade, depressão, personalidade borderline, obsessivo-compulsivo, pânico, ou outros, a estigmatização de tais condições dificulta o acesso e a conscientização acerca dos diferentes tipos de tratamento. Embora possam ser causados por uma enorme quantidade de fatores, tais condições podem se agravar em ambientes de stress, pressão e abuso.

Na mídia tradicional, a saúde mental ainda é muitas vezes referida como casos de exceção, especialmente ao se tratar do suicídio. Nesses casos, embora a Organização Mundial de Saúde (OMS) incentive a discussão sobre o assunto, ele ainda é tratado como tabu por diversos setores de comunicação.

“Os clínicos e os pesquisadores sabem que não é a cobertura jornalística do suicídio *per se*, mas alguns tipos de cobertura, que aumentam o comportamento suicida em populações vulneráveis. Por outro lado, alguns tipos de cobertura podem ajudar a prevenir a imitação do comportamento suicida. Ainda assim, há sempre a possibilidade de que a publicidade sobre suicídios possa fazer com que a idéia pareça “normal”. Coberturas de suicídios repetidas e



continuadas tendem a induzir e a promover preocupações suicidas, particularmente entre adolescentes e adultos jovens. (OMS, 2000, p. 4).

Em uma cartilha de orientações para mídia, a OMS recomenda que o suicídio seja discutido de forma a manter o viés da reportagem sempre em direção à meios de ajuda e tratamento, e evitando termos amplos ou explicações rasas, e sem coberturas sensacionalistas que transformem o acontecimento em circo midiático. Recomenda-se também evitar, sempre que possível, que sejam divulgadas informações à respeito de métodos de suicídio, bilhetes, ou tentar oferecer causas imediatas como fracassos amorosos ou problemas financeiros.

## **2.2 A situação política brasileira atual**

No mês de junho de 2013, iniciou-se no Brasil um movimento cujas ramificações hoje protagonizam momentos políticos de grande importância. O legado das jornadas de junho transformou a revolta popular, depois apropriada por meios midiáticos, em um país notadamente polarizado. Ao longo desta década, acontecimentos como o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, os diversos cortes orçamentários propostos para as áreas de saúde e educação, e a eleição de Jair Bolsonaro como presidente, construíram para a criação de um sentimento de incerteza e medo em uma parcela da população nacional.

Embora ainda seja cedo demais para análises aprofundadas acerca do impacto dos últimos anos no futuro do país, as consequências imediatas já podem ser sentidas pelas classes mais vulneráveis, deixando o Brasil com o prospecto de se tornar um país ainda mais desigual do que agora.

Na mídia tradicional, muito do que se fala sobre o momento político atual fica limitado a pautas econômicas ou com linguagens pouco acessíveis. Pouco é mostrado, de maneira direta, sobre o impacto que tal momento de incerteza tem no dia-dia dos trabalhadores e estudantes brasileiros. Mesmo os produtos mais aprofundados, por vezes, falham em oferecer reais explicações para o caminho em que se encontra o país, optando, muitas vezes, por focar em questões singulares de pauta, sem abranger, em totalidade, a sequência de eventos que resultou neste cenário.

### 2.3 A saúde mental universitária

Dentro do contexto apresentado, a realidade do estudante universitário foi afetada em diversas instâncias. A instabilidade do mercado de trabalho, somada com o crescimento do desemprego, criou um ambiente onde jovens são pressionados desde cedo para adentrar uma instituição de ensino superior, se graduar, e arranjar emprego, sem que seja levado em conta o bem estar individual dos estudantes envolvidos.

Além disso, a crise política brasileira (e mundial) trouxe uma grande disseminação de discursos de ódio sobre minorias, sejam elas políticas, raciais, de gênero ou de orientações sexuais. Ataques constantes, sejam de figuras públicas, perfis anônimos ou colegas, também são fatores que contribuem para o agravamento da saúde mental de uma parcela da população que é constituída, em sua grande maioria, por jovens, ainda em período de formação.

O sistema superior de ensino brasileiro, cada vez mais ameaçado, também não parece ser capaz de oferecer aos jovens do país as mesmas oportunidades que busca aparentar. Na Quinta Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural do Estudante de Graduação das Universidades Federais, publicada em maio de 2019 pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprace) e pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) apresenta que de estudantes em universidades federais no Brasil, 54,6% são mulheres, 16,4 são LGBT, 50% tem entre 20 e 24 anos, 51,2% são negros ou negras, e 70% vivem com uma estimativa de até um salário mínimo e meio por família (cerca de R\$ 1500,00). Ou seja, uma grande maioria de estudantes de ensino superior em instituições federais, no Brasil pertencem à algum grupo atacado diretamente, em diferentes instâncias, pela crise.

Além disso, a pesquisa analisou quais as principais dificuldades encontradas pelos estudantes, que destacaram: a dificuldade de acesso à materiais (28%), dificuldades financeiras (24%), carga excessiva de trabalhos (23%), dificuldade de aprendizado (13%), e problemas em relacionamentos sociais (14%). Quando perguntados sobre motivos que os levaram a considerar largar o curso, os motivos se repetiram, com também a adição de um novo: problemas de saúde (física ou mental).

Já as respostas sobre dificuldades emocionais foram ainda mais alarmantes. Entre os estudantes entrevistados, 63% alegaram ter problemas com ansiedade; 45% alegaram desânimo; entre 20% e 30% alegaram solidão, confusão mental, desamparo, insônia e tristeza

persistente; e 10% alegaram desejo de morte. Entre 2014 e 2018, o tempo entre as pesquisas, o desejo de morte subiu 4% nas respostas.

### **3 JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO**

#### **3.1 Do Tema**

Como apontado anteriormente, a saúde mental universitária é um problema crescente e que não parece ser amplamente discutido. A opção por tratar deste tema no meu trabalho de conclusão de curso surgiu pela insatisfação com a maneira em que eu via o problema sendo lidado, mesmo sabendo que a maioria das pessoas ao meu redor sofria com ele, de alguma maneira.

O suicídio é o responsável pela morte de 7,3% jovens brasileiros, segundo cartilha publicada pela Associação Brasileira de Psiquiatria, com um aumento de 30% entre os anos de 2000 e 2012. Na mídia, ele mal aparece, uma vez que é sempre tratado com cautela para evitar o “Efeito Werther”, termo utilizado em referência ao livro “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, publicado em 1774. Nele, o protagonista comete suicídio após uma desilusão amorosa. Após seu lançamento, começaram a ocorrer, na Europa, uma série de suicídios entre jovens, que repetiam os métodos do protagonista.

É importante citar que a mídia não é desencorajada de reportar sobre a questão do suicídio, e muito menos da saúde mental, e inclusive é incentivada pela OMS. que sugere formas de debater o tema, em uma cartilha extremamente didática.

“De modo geral, existe evidência suficiente para sugerir que algumas formas de noticiário e coberturas televisivas de suicídios associam-se a um excesso de suicídios estatisticamente significativo; o impacto parece ser maior entre os jovens. O suicídio frequentemente tem apelo suficiente para ser noticiado, e a mídia tem o direito de mostrá-lo. Mesmo assim, a maioria dos suicídios não é mostrada pelos meios de comunicação; quando se toma uma decisão de informar o público acerca de um suicídio, normalmente ele envolve

uma pessoa, lugar ou métodos particulares. Os suicídios que mais provavelmente atraem a atenção dos meios de comunicação são aqueles que fogem aos padrões usuais. Na verdade, chama a atenção o fato de que os casos mostrados na mídia são quase que invariavelmente atípicos ou incomuns. Então, mostrá-los como típicos perpetua ainda mais a desinformação sobre o suicídio”. (OMS, 2000. p. 4)

Enquanto o tema não surgia com atenção nas mídias tradicionais, estudantes ao redor do mundo passaram a usar as redes sociais para divulgar relatos acerca de suas realidades e seus conflitos com a saúde mental. Uma dessas páginas, chamada “Previamente Hígido”, foi criada por alunos de Medicina da UFRGS, para o compartilhamento de histórias e relatos, em visa de mostrar aos estudantes que eles não estão sozinhos. A página conta com mais de cinco mil curtidas, e os textos compartilhados expõem as agonias e os medos dessa parcela da população que, muitas vezes, sofre sozinha. Um dos textos, publicados pelo pseudônimo de “Paciente 50”, descreve como as opressões interseccionais que tomaram conta da realidade brasileira afetam, na prática, os estudantes. Segue um trecho:

“Resumo, eu não aguentei; eu não tinha apoio dos meus colegas (isso é o mais triste); talvez porque eu era a lista de espera da escola pública, e não o SISU vindo dos Maristas e dos La Salles da vida. Abandonei o curso, me sentindo burra, derrotada e fraca. Até que consegui entrar pelo ProUni em outra instituição, e fiquei sabendo que esses colegas riram da minha cara, porque era muito fácil uma faculdade particular. Continuei me sentindo muito mal, deprimida e pensei em suicídio várias vezes. Até que entrei em um grupo de pesquisa renomado e ali dentro me fizeram ver e eu consegui ver por mim mesma o quão capaz eu sou, e quanto potencial eu tenho. Mas eu tenho uma dúvida: a faculdade pública é pra quem?” (Paciente 50, Previamente Hígido. Publicado em 30/10/2018).

No texto acima, fica explícito os problemas de classe e status que assolam os estudantes. Outras páginas, como a FUSM - Frente Universitária de Saúde Mental, compartilham notícias, eventos e diversos materiais sobre o assunto. Há mais de 30 mil curtidas.

Os dados e relatos encontrados pela internet só evidenciam mais a necessidade que surge em falar desses assuntos, e a vontade, por parte dos estudantes, em relatar suas experiências.

### **3.2 Da angulação**

Por se tratar de um tema que me afetava diretamente, tanto por estar inserido no contexto universitário onde estaria apurando, mas também por ter meus próprios problemas e relatos sobre a questão de saúde mental, optei, junto com o professor Samuel, por um texto autoral em primeira pessoa.

Em “O Segredo da Pirâmide”, Adelmo Genro Filho propõe uma teoria do jornalismo como forma de conhecimento. De maneira resumida, ele incentiva a produção de conteúdo jornalístico de maneira que proponha o pensamento crítico do leitor acerca do mundo ao seu redor. Adelmo sugere, portanto, que acontecimentos sejam tratados como mais o que meros fatos, utilizando três esferas de conhecimento: o singular, o particular e o universal.

Partindo dessa teoria, busquei uma maneira de encaixar a minha pauta, e minhas vivências, dentro das três esferas propostas por Adelmo. Dessa maneira, separei meu texto em quatro capítulos:

#### **3.2.1 Capítulo 1 - Castanho**

O primeiro capítulo da reportagem busca reunir relatos de estudantes universitários acerca das pequenas coisas que afetam o dia-dia, mas que são naturalizados numa esfera maior, tais como: crises de ansiedade, agressividade e hostilidade dentro do campus, diminuição do acesso à espaços públicos, e a constante ameaça às instituições federais (algo presente, em certo grau, em todos os anos que passei pela graduação). Além desses temas, esse capítulo traz em sua narrativa um relato sobre a realidade estudantil durante as

ocupações de 2016, quando estudantes do Brasil inteiro protestaram contra o teto de gastos proposto pela PEC/241.

### **3.2.2 Capítulo 2 - Azul**

O segundo capítulo da reportagem busca aprofundar nas temáticas do suicídio e da depressão. O que acontece após deixarmos as coisas “naturais” se agravarem. Com o depoimento de duas alunas, esses assuntos são debatidos, ao mesmo tempo que são trazidos dois acontecimentos nacionais: os cortes de orçamento na educação, anunciados em 2019, e a prisão e subsequente suicídio do então reitor da UFSC, Luiz Carlos Cancellier, em 2017.

### **3.2.3 Capítulo 3 - Rosa**

O terceiro capítulo, seguindo a narrativa já estabelecida, trata dos temas de auto-estima, tratamento e a importância do afeto. Com relatos de dois estudantes, o capítulo se aprofunda nessas questões, enquanto também narra a realidade universitária no período que antecedeu o segundo turno das eleições presidenciais de 2018.

### **3.2.4 Capítulo 4 - Branco**

O último capítulo, traz depoimentos de três estudantes, calouros, que tentam explicar suas vidas durante a greve estudantil que se iniciou na UFSC após o anúncio do corte de gastos. O objetivo deste capítulo é encerrar a reportagem num tom otimista, mostrando que, apesar de todas as dificuldades, sempre há um jeito de seguir na luta.

Além dos temas já descritos, todos os capítulos são costurados com relatos pessoais de minha autoria. Neles, narro momentos da minha vida universitária em que passei por situações semelhantes às que conversei com meus entrevistados. Optei por usar a minha voz e minhas experiências de maneira explícita no texto, a fim de explorar as possibilidades que o jornalismo autoral poderia me oferecer. Dessa maneira, busquei construir as três esferas de Adélmo da seguinte forma:

- Singular - relatos pessoais do jornalista acerca de sua experiência com o tema.
- Particular - quatro capítulos, estruturados com relatos de estudantes da UFSC sobre as temáticas abordadas.
- Universal - Conjunto de relatos, em primeira e terceira pessoa, que, somados aos acontecimentos políticos narrados (um por capítulo), formam uma ideia do contexto político e social do Brasil em 2019.

Ainda durante a elaboração do projeto, foi decidido que os relatos viriam somente de alunos da UFSC, tanto por questões narrativas quanto orçamentárias.

### **3.3 Do formato**

O formato escolhido para a produção deste trabalho foi o de uma reportagem ilustrada. Inicialmente, o trabalho seria produzido inteiramente em quadrinhos, opção que precisou ser alterada conforme o processo de produção.

A opção de contar a história não somente em textos, mas também em ilustrações, veio por decorrência da minha trajetória no curso, e, especialmente, de dois trabalhos realizados por mim dentro do departamento.

O primeiro trabalho, intitulado “Memórias Insones”, foi produzido por mim na disciplina de Introdução às Artes Gráficas, na primeira fase do curso. Esse trabalho constituiu na construção de uma *fanzine*, cujo tema tratado era “Como é crescer em 2015?”. A partir dessa pergunta, construí textos com os relatos de sete adolescentes, estudantes do ensino médio em um colégio de Florianópolis. Para cada relato, elaborei também um desenho, utilizando os princípios Gestalt de design, que haviam sido ensinados em sala de aula.

Esses princípios são:

- Proximidade: estipula que certas coisas podem ser vistas como relacionadas pela maneira com que são dispostas em um trabalho visual.
- Similaridade: estipula que a semelhança entre dois itens ou objetos pode torná-los relacionados pelo público.

- Fechamento: estipula a percepção de objetos que são apresentados, visualmente, de maneira incompleta, oferecendo ao cérebro de quem percebe o papel de complementação.
- Figura/Fundo: estimula a ideia de que uma figura pode assumir dois significados, quando percebida de diferentes maneiras.
- Continuidade: a ideia de que elementos visuais vão ser percebidos em uma “narrativa” visual de acordo com suas semelhanças e proximidades.
- O todo e as partes: propõe que um conjunto é mais que somente a soma de suas individualidades. O todo adquire um significado novo quando visto em completude.

O segundo trabalho em que me baseei foi elaborado durante a terceira fase do curso. Na disciplina de Planejamento Gráfico, tivemos que desenvolver um projeto editorial de uma revista como trabalho final do semestre. Eu elaborei uma revista chamada “Disorder”, que buscava tratar a temática da ansiedade a partir de fotografias que utilizavam luz e cor para transmitir suas informações.

A partir destes dois trabalhos, busquei elaborar um projeto de trabalho de conclusão de curso que servisse como uma continuação para ambos. Optei por utilizar o formato narrativo do *fanzine*, enquanto trabalhava com a ideia de cores para transmitir narrativas acerca da saúde mental.

Como descrito no tópico anterior, o trabalho é dividido em quatro capítulos: castanho, azul, rosa e branco. As escolhas dessas cores se deram por dois motivos: em primeiro lugar, essas foram as quatro cores de cabelo que eu tive durante a minha graduação (fato que é utilizado como elemento narrativo também no texto). Em segundo lugar, optei por essas cores pela relação que elas construíam com o tema que eu buscava tratar. Em seu livro “A Psicologia das Cores”, Eva Heller apresenta diversas pesquisas sobre como as cores afetam a emoção de quem as recebe. Entre essas pesquisas, está: o marrom (castanho) como cor que remete à naturalidade e agradabilidade (página 256: “a cor do aconchego); o azul como cor relacionada à melancolia (página 45: “as flores azuis do anseio”); o rosa como uma cor doce, afetuosa (página 213: “a cor do charme e da gentileza”); e o branco como o recomeço e as novas oportunidades (página 156: “O princípio e a ressurreição”).



Portanto, construí minha narrativa e separei meus relatos de maneira que eles dialogassem com as cores que usei (a ordem das cores seguiu a ordem de cores do meu cabelo). Assim, temos o castanho predominante num capítulo que fala sobre coisas naturalizadas, o azul no capítulo que se aprofunda na depressão, o rosa no capítulo sobre afeto, auto-estima e tratamento e, por fim, o branco, no capítulo que fala sobre a nova geração e a esperança para o futuro.

Durante o processo de construção dos desenhos, busquei também criar rimas visuais destes com os trabalhos que citei anteriormente (“Memórias Insones” e “*Disorder*”). Também busquei, a partir dos fundamentos de Gestalt, aplicar nas ilustrações as três esferas propostas por Adelmo Genro Filho em sua teoria apresentada em “O Segredo da Pirâmide”, de tal maneira:

- Os desenhos, individualmente, fornecem ilustrações do que está sendo descrito no texto (utilizando o princípio de proximidade de Gestalt) - eles representam o singular.
- Os desenhos, quando observados em capítulos, se distinguem entre si, de acordo com suas cores. Para cada cor, está atribuído um significado (utilizando o princípio de similaridade de Gestalt) - eles representam o particular.
- Os desenhos, quando analisados em conjunto, afastados do texto, oferecem uma narrativa visual que representa a realidade de toda uma seção da população brasileira (utilizando os princípios de continuidade e da soma das partes de Gestalt) - eles representam o universal.

## **4 PROCESSO DE PRODUÇÃO**

### **4.1 Pré-apuração**

Meu primeiro contato com o tema surgiu durante a quarta fase do curso de jornalismo, em um momento extra-curricular. Durante aquele semestre, tomei a decisão de, junto com outros colegas, constituir uma chapa para concorrer a gestão do Centro Acadêmico Livre de Jornalismo Adelmo Genro Filho. Durante as semanas que antecederam as eleições, nos reunimos constantemente para debater quais pautas gostaríamos de transformar em propostas, e em uma dessas reuniões, foi citado o tema da saúde mental dentro do nosso departamento.

Aquele foi um tema que logo me atravessou, uma vez que havia passado as primeiras três fases do curso refém de problemas relacionados à ansiedade e o pânico que tanto sou familiarizado. Durante a conversa com meus colegas, e nas semanas seguintes, em que esse debate foi levado para o restante do curso, vi que não estava sozinho. A discussão levantada naquele semestre transformou a maneira em que eu enxergava a realidade universitária ao meu redor, e ao fim daquele ano (2017), decidi que faria meu trabalho de conclusão de curso a partir disso.

Ao longo do ano de 2018, elaborei duas versões de projeto para o trabalho. A primeira, desenvolvida a partir da disciplina de Iniciação ao Trabalho Acadêmico, e a segunda, mais detalhada, na disciplina de Técnicas de Projeto em Comunicação. Durante o processo, entrei em contato com pesquisas realizadas em âmbito nacional, e conversei com diferentes alunos de instituições de ensino diferentes, para moldar a maneira com que decidiria abordar o assunto.

Durante o processo de pré-apuração (que foi até o primeiro semestre de 2019), busquei aprimorar a leitura de textos jornalísticos que correspondiam com a linguagem escrita onde buscava me inspirar, tais como “Todo Dia A Mesma Noite”, de Daniela Arbex; “O Olho Da Rua” de Eliane Brum; e “O Último Abraço”, de Vitor Hugo Brandalise; e assistir documentários e reportagens em vídeo que analisassem temas parecidos com os que eu procuraria abordar, como “Eu Te Amo, Agora Morra: O Caso Michelle Carter”, dirigido por Erin Lee Carr; “*The Mask You Live In*”, dirigido por Jennifer Siebel Newsom; “*Rich Hill*”, dirigido por Tracy Droz Tragos e Andrew Droz Palermo; e o segmento “*Mental Health*”, do programa estadunidense “*Last Week Tonight with John Oliver*”; entre outros.

## **4.2 Treinamento Gráfico**

Dediquei o período do primeiro semestre de 2019 ao treinamento e a pesquisa nas áreas gráficas, uma vez que sabia que elas seriam essenciais para a elaboração do produto final. Busquei elaborar um desenho diferente todos os dias, de maneira que pudesse testar diferentes técnicas de contorno e coloração, e assim elaborar o conjunto de pincéis e a paleta de cores que usaria em cada capítulo. Iniciei o processo em janeiro, após ter treinado técnicas específicas de desenho por dois meses, e inicialmente conseguia finalizar um desenho (tamanho A4) há cada 12 horas (tempo aproximado).

Ao decorrer do semestre, consegui diminuir o tempo de produção de cada arte para um aproximado de 3 horas. Considerando que, até então, ainda pensava em fazer o trabalho inteiro no formato de jornalismo em quadrinhos, parti para a fase de apuração antecipando um período de 60 dias para completar toda a parte gráfica.

#### **4.2.1 Pesquisa Gráfica**

Também, durante o primeiro semestre, busquei ampliar minha bagagem de leitura de quadrinhos, de forma que conseguisse internalizar as diferentes possibilidades que a mídia me oferecia. Li, ao longo dos meses, as seguintes obras:

- “O Melhor Que Podíamos Fazer”, de Thi Bui
- “Rosalie Lightning: Memórias gráficas”, de Tom Hart
- “Duas Vidas”, de Fabien Toulmé
- “Desconstruindo Una”, de Una
- “A Diferença Invisível”, de Mademoiselle Caroline e Julie Dachez
- “Pílulas Azuis”, de Frederik Peeters
- “Fun Home: Uma Tragicomédia em Família”, de Alison Bechdel
- “Daytripper”, de Fábio Moon e Gabriel Bá
- “Persépolis”, de Marjane Satrapi
- “Amor é Amor”, de Sarah Gaydos e Jamie S. Rich
- “Quadrinhos e Arte Sequencial”, de Will Eisner

Todas as obras citadas foram escolhidas, não só pelo formato, mas também por seu conteúdo, que narrativamente ia de encontro com as abordagens que busco tratar no meu projeto. Entre elas, são debatidos os temas de: saúde mental, crises humanitárias, morte, doenças, preconceito, identidade e aceitação. Em comum, elas todas abordam assuntos contemporâneos, porém com foco humanizado nas pessoas afetadas por pequenas e grandes ações.

#### **4.3 Apuração e Fontes**

Inicialmente planejado para ocorrer entre os meses de março, abril e maio, o processo de apuração do trabalho precisou ser adiado por dois motivos. O primeiro motivo que levou ao adiamento foi o ajuste que precisei fazer em meu cronograma pessoal, decorrente de ter iniciado um novo emprego. A carga horária que me submeti nos primeiros meses deste ano não permitiu espaço para que fosse possível ir atrás de fontes ou realizar pesquisas com a calma e a atenção necessárias. O segundo motivo, foi, principalmente, a insegurança que eu ainda tinha sobre trazer o sensível tema da saúde mental em entrevistas com pessoas que poderiam estar vulneráveis. Sofri, por alguns meses, uma espécie de bloqueio que me impediu de estabelecer uma boa forma de entrar em contato com estudantes que poderiam estar interessados em compartilhar seus relatos comigo. Essa situação foi resolvida após planejamentos feitos com meu orientador, onde buscamos uma forma de buscar fontes que garantisse maior discrição (já que eu não queria, por exemplo, anunciar que buscava entrevistas a partir de uma publicação em redes sociais ou afins).

A maneira com que resolvi encontrar as fontes foi através de alunos da universidade, que, já familiarizados com meu trabalho e minhas propostas, as divulgaram para colegas que poderiam estar interessados. Ao todo, recebi onze respostas de pessoas que gostariam de compartilhar seus relatos, deixando de entrevistar somente uma delas, por dificuldade na conciliação de nossos horários. Optei por realizar as entrevistas em estilo de conversa com meus entrevistados, sem levar perguntas escritas previamente, e os deixando com total liberdade para guiar o rumo das conversas. Isso era discutido com cada um deles antes do início de cada entrevista, e somente dois me pediram para que fizesse perguntas específicas. Com o restante, precisei somente dar e receber orientações sobre os temas que gostaria de discutir, e deixei que se aprofundassem em suas maneiras. Todas as entrevistas foram realizadas dentro do campus da UFSC Trindade, e todas foram gravadas em um gravador de som, para serem decupadas depois.

A primeira entrevista que realizei para o projeto foi no dia 04 de julho de 2019. Encontrei-a na frente do Centro de Comunicação e Expressão, e caminhamos até um mercado na Carvoeira, onde ela comprou os cigarros que fumou enquanto conversávamos. Antes de iniciarmos, expliquei em detalhes o trabalho e tudo que pretendia fazer a partir dele, respondendo qualquer dúvida que pudesse surgir. Ela permitiu que eu gravasse sua voz, mas

pediu para que seu nome e cursos fossem ocultados do texto final. O pseudônimo que concordamos em usar foi Renata.

Entrevistar Renata foi ao mesmo tempo uma experiência boa e complicada. Boa pois somente ali tive certeza de que havia escolhido o tema certo para falar no meu trabalho de conclusão de curso. Ao longo dos 47 minutos de entrevista, ela passou por diferentes tópicos que iam de encontro com minhas pesquisas e vivências, e, mesmo que parecesse ter dificuldade para falar sobre alguns assuntos mais sensíveis, demonstrou estar disposta e aliviada ao compartilhá-los. Durante a conversa, ela foi muito honesta ao falar de sua própria depressão e tentativa de suicídio, além de seus medos em relação ao fim de sua graduação. Também me contou de maneira detalhada, como se sentiu no período da prisão de Luís Carlos Cancellier, e nos dias após sua morte.

Porém, como eu disse, também foi uma experiência complicada. Renata trouxe, logo no começo, temas delicados que me fizeram pensar que pudesse estar despreparado para lidar com o peso emocional que o trabalho traria. Após encerrarmos a entrevista, conversei com ela mais um pouco e pedi desculpas por qualquer desconforto ou ansiedade que a conversa pudesse ter causado. Ela agradeceu, mas disse que se sentiu bem em falar sobre isso.

O tempo entre a primeira e a segunda entrevista foi de dois meses, pois, novamente, precisei adaptar meu cronograma ao meu horário de trabalho. Os meses de julho e agosto trouxeram uma demanda grande, que, por vezes, necessitava que eu trabalhasse mais de dez horas por dia, o que impediu que dedicasse qualquer tempo e atenção para as entrevistas. Saí do trabalho na primeira semana de setembro, quando retomei, em tempo integral, a apuração. As entrevistas restantes aconteceram no período de 16 de setembro e 02 de outubro.

Vale destacar que, no período entre a primeira entrevista e as demais, foram anunciados os primeiros efeitos que os cortes orçamentários teriam na UFSC. Medidas provisórias que foram anunciadas, como o possível fechamento do Restaurante Universitário para alunos não isentos, e o encerramento de atividades da Universidade antes do final do semestre, causaram nos estudantes uma reação imediata. Diversos cursos entraram em estado de greve antes que o mês de agosto se encerrasse, o que me ofereceu um novo campo para realizar as entrevistas. Em todas elas, algumas mais, outras menos, foi debatido o momento

atual e a greve que estava ocorrendo. Em alguns casos, que serão citados individualmente, as entrevistas giraram em torno da greve e os acontecimentos que ela proporcionou.

A segunda entrevista que realizei foi com Natália, estudante de Ciências Biológicas. Nos encontramos no campus e tivemos nossa conversa sentados no gramado em frente a Biblioteca Universitária. A conversa com ela confirmou para mim que eu estaria lidando com relatos completamente diferentes sobre a mesma temática. O relato que ela me ofereceu, mesmo que trouxesse muitos paralelos com o de Renata, oferecia diferentes focos e angulações, de maneira com que eles se complementassem por suas diferenças (no texto final, inclusive, o relato de Natália é o que antecede o de Renata).

Natália me contou sobre seu recém diagnóstico de depressão, e de todos os fatores de sua vida que a trouxeram para esse momento. Apesar do tema, ela permaneceu bem-humorada por toda a entrevista, e por vezes, seu humor parecia oposto ao que ela me narrava. Comunicativa, ela pulou entre diversos assuntos, sempre tentando organizá-los para estabelecer coerência. Em diversos momentos, falava frases inteira enquanto fazia “aspas” com os dedos, o que então narrava para o áudio que eu gravava: “Ó, tô fazendo aspas agora”

A terceira entrevista foi com Taísi, aluna de Direito. Nos encontramos pela manhã no campus e conversamos na praça de alimentação do Centro de Eventos. Taísi foi, talvez, a entrevistada mais acolhedora que eu tive. Bastante interessada no projeto, ela me fez diversas perguntas antes de começarmos e, algumas vezes, durante a entrevista. Com ela, eu fiquei sabendo sobre a divisão política no curso de direito, uma realidade dentro da UFSC da qual eu não fazia ideia existir.

Guilherme foi o próximo. O entrevistei na tarde do dia em que havia falado com Taísi. Até então, todas as entrevistas haviam acontecido em um mesmo esquema: eu explicava o trabalho, o entrevistado falava por um tempo, eu pedia para que falássemos mais de um assunto específico, depois outro, etc... Com Guilherme foi completamente diferente. Na entrevista mais longa do trabalho, com 55 minutos, eu não devo ter falado mais que vinte palavras. Agitado e entusiasmado, ele dividiu comigo seu relato desde os tempos de cursinho, até agora, quando está no primeiro semestre de Medicina. Ele foi o primeiro a falar sobre a importância do afeto na melhora de sua saúde mental. E foi irônico, e bonito, quando ele tirou

o casaco que usava e revelou estar com uma blusa rosa choque por baixo, logo a cor escolhida para o capítulo que falava justamente daquilo, o afeto.

A próxima entrevistada foi Cinthia, também aluna de Direito. Também no gramado da Biblioteca, ela me contou sobre sua época de caloura, em 2016. Conversamos sobre a ansiedade que a controla durante o período de provas, algo que a segue desde a infância, e também sobre a maneira com que a universidade contribuiu na sua construção de identidade e cidadania. Cinthia foi uma entrevistada em quem pude perceber a ansiedade logo pela maneira rápida com que ela falava, em momentos que denunciava sua natividade manézinha, e deixava escapar o famoso sotaque da ilha.

Matheus, também calouro de Medicina, foi o sujeito da entrevista mais curta que fiz para esse projeto. Também foi o único que pediu que eu fizesse perguntas, ao invés de querer falar abertamente. Mais fechado que minhas outras fontes, eu demorei alguns minutos para entender como entrevistá-lo. A maioria das respostas que saía de sua boca eram rápidas e curtas, com pouco espaço para elaboração. Mas, após perceber como a nossa dinâmica iria funcionar, consegui elaborar perguntas que se adaptassem a maneira em que ele respondia, e assim conseguimos aprofundar nossa discussão. Percebendo sua fala rápida, e seus poucos intervalos para respiração, fiz a pergunta direta: ele se considera ansioso? Sua resposta imediata foi um “sim”, antes mesmo que eu terminasse de falar.

Bruna, a sétima entrevistada, parecia já preparada para a entrevista antes mesmo que eu explicasse o trabalho para ela. De maneira didática, ela passou comigo por todos os anos de sua graduação, enquanto conversávamos, também na Praça de Alimentação do Centro de Eventos. Narrou para mim os vinte dias que passou na ocupação estudantil do CSE, em 2016, contra a PEC 241, e como aquilo definiu sua vida universitária. Aluna de Relações Internacionais, ela demonstrava facilidade em falar sobre o panorama político do país, algo que provavelmente foi discutido amplamente em sua graduação. Esse foi um dos motivos que me levou a optar por colocá-la como o primeiro relato da reportagem, já que seu conhecimento e seus relatos serviram como o ponto de partida que eu precisava.

Palloma e Victória foram, sem dúvidas, a entrevista mais divertida que fiz nesse projeto, e talvez em toda a minha graduação. Também calouras de Medicina, ambas vindas de outras cidades, as duas foram as únicas que optaram por dar a entrevista em dupla (algo que

eu mesmo só fiquei sabendo ao encontrá-las, já que havia marcado somente com Palloma). Até então, já havia entrevistado dois alunos de medicina, e havia escutado pouco sobre a assembleia estudantil do curso, ocorrida logo que as greves começaram. Essa assembleia, como explico melhor na reportagem, resultou em discussões e um sentimento de aflição no curso, como me contaram Palloma e Victória.

Com um tema desses, como posso descrever a entrevista como divertida? De fato, os assuntos debatidos eram sérios, e foram tratados dessa maneira em todos os 48 minutos que conversamos. Acontece que, em um período tão sombrio e melancólico da Universidade, participar (ou melhor, assistir, já que muitas vezes as duas conversavam entre si, na minha frente) de uma conversa com as duas foi quase catártico, para nós três. Mesmo que estivessem indignadas, irritadas, e com medo pelo momento político, elas traziam em suas falas a animação e esperança que tanto se sente quando se é calouro de um curso tão almejado. Mesmo quando percorriam assuntos delicados, elas nunca perdiam a chance de deixar estes sentimentos, e suas personalidades, presentes em cada palavra que era dita. Após a entrevista, Palloma voltou a entrar em contato comigo, pelo menos duas vezes, com mensagens de áudio que continham pequenas informações que havia esquecido, e que, algumas vezes, quase se igualavam à desabafos.

Maria Luiza foi a última entrevistada, embora devesse ter sido a terceira. A única que me pediu para remarcar nosso horário agendado, duas vezes (uma delas por estar se sentindo mal, e preferir falar em outro dia, e outra por choque de horários), ela me deixou sem saber muito bem o que esperar de nossa conversa. Quando nos encontramos, eu já estava com uma ideia mais detalhada de como seria a estrutura da reportagem, e sabia exatamente quais temas ainda precisava, mas não sabia se ela teria muito o que falar sobre eles. Ela teve, e bastante.

Caloura de Medicina, também, Maria Luiza já era formada pelo Instituto Federal de Santa Catarina, e me contou sobre seu ingresso no movimento estudantil, ainda em 2016. E também sobre seu afastamento, quando percebeu que sua saúde mental estava sendo afetada demais pelas pautas políticas nacionais. Se afastou de tudo, ela me disse, nem lendo mais jornal. Esse ano, com a ajuda de sua psicóloga e psiquiatra (que ela mencionou diversas vezes em nossas conversas), voltou a se informar e a tomar parte no que acontecia. O interessante de entrevistar Maria Luiza foi que, sem saber, eu já sabia quem era ela. Os outros quatro



alunos de Medicina que entrevistei haviam me falado sobre uma caloura que havia resolvido falar na assembleia, e era ela. Quando perguntei sobre isso, esperando um grande relato, ela foi direta: “Eu não tenho vergonha na cara”. Maria Luiza também foi a única que falou sobre fé, embora isso não tenha aparecido na reportagem final. Usando um crucifixo ao redor do pescoço, e no qual mexia de vez em quando, ela afirmou ser religiosa quando perguntei, mas não quis se aprofundar muito no assunto.

Realizar essas nove entrevistas, com esses dez estudantes, foi uma experiência fundamental para o meu aprendizado como jornalista. O cuidado e tato que desenvolvi durante as matérias práticas da graduação precisou ser reforçado diante da natureza sensível do tema, e precisei ser cuidadoso para estabelecer uma relação de confiança com cada um, sem que entrasse em território que poderia ser considerado manipulador ou antiético. Por se tratarem de jovens, na minha faixa-etária, e com gostos e vivências semelhantes aos meus, a identificação foi mútua e espontânea, por isso precisei me vigiar para não transformar as entrevistas em um desabafo conjunto ou, ainda, uma conversa entre dois amigos.

#### **4.3.1. Organização das fontes**

Feitas todas as entrevistas, precisei definir como iria apresentá-las ao leitor. Uma vez que já tinha os capítulos e temas definidos desde antes da apuração, o desafio foi encontrar, em cada relato, as características particulares que justificassem que estivessem em um capítulo, e não em outro.

Em alguns casos, a distribuição foi imediata. Renata e Maria Luiza foram as duas que mais falaram sobre depressão e suicídio, logo eu já sabia que estariam no capítulo dois. Guilherme falou por quase uma hora sobre a importância do afeto, então ele iria para o três. Natália discorreu sobre sua vivência na faculdade até o ponto em que ficou doente, o que a colocava em uma posição especial de servir como transição entre os dois primeiros capítulos.

Com o restante, eu precisei, antes de definir qualquer ordem, decupar toda a entrevista e procurar o que as tornavam singulares entre si. Logo no início desse processo, optei por colocar o relato de Bruna como o primeiro, pois ela havia me oferecido um relato mais embasado sobre o momento específico que eu gostaria de discutir. Matheus, Palloma e Victória, com suas diferentes visões acerca da greve estudantil e de suas vidas de calouros, se

encaixaram bem para o último capítulo. Dessa forma, eu começaria o trabalho com uma aluna que está se formando (Bruna), e encerraria com três que estão iniciando a graduação.

Taísi e Cinthia foram as mais difíceis de alocar, uma vez que seus relatos haviam tocado em diversos pontos, sem terem focado somente em um. Por fim, decidi incluir Taísi no terceiro capítulo, utilizando sua fala sobre terapia e seus grupos de amigos, e Cinthia no primeiro, já que ela foi a que mais deu destaque às questões de ansiedade estudantil, e como são normalizadas.

#### **4.4 Produção textual e gráfica**

A produção da reportagem em texto se iniciou ao mesmo tempo que a produção das ilustrações. Por um período de três semanas, indo de 04 à 25 de outubro, alternei entre as duas funções. Até então, escrevia ou revisava o texto por algumas horas do dia, e em seguida desenhava. Tentei estabelecer um horário que não pesasse muito no meu próprio bem-estar, trabalho, nesse primeiro período, somente das 10h até às 20h. A produção gráfica, nesses dias, era livre. Todos os dias eu desenhava algo relacionado às entrevistas, mas sem me limitar a uma temática específica ou um tamanho pré-determinado.

Até então, ainda planejava desenvolver o trabalho inteiro como uma história em quadrinhos, porém, já estava atrasado no período de sessenta dias que havia planejado para a elaboração. Consegui me adaptar, de maneira que ainda fosse possível finalizar o trabalho como esperado no projeto, porém acabei desistindo da ideia ao perceber que, mesmo possível, o trabalho exigiria muito de mim, tanto física quanto mentalmente, ao ponto que meu desempenho seria afetado. Além disso, percebi que um parágrafo de texto (em uma folha A4), corresponderia à uma página A5 desenhada, o que acabaria me forçando a cortar partes fundamentais da minha escrita para ajudar na nova linguagem, e optei por não fazer isso. Elaborei quatro páginas em quadrinhos, que depois reaproveitei para o formato ilustrado. Deixo-as em anexo ao fim deste relatório.

Outro formato foi pensado, nessa época, quando considerei fazer todas as páginas desenhadas, de maneira que lembrassem um caderno de um aluno universitário. Nesse formato, o texto seria escrito manualmente em cada página, e as ilustrações seriam apresentadas como “rabiscos” feitos pelos personagens. Abandonei essa ideia pois, além de

não economizar muito tempo, ela limitaria em grande escala o processo criativo dos desenhos. Produzi uma página nesse formato, que também deixo em anexo.

Todos os desenhos foram construídos visando mais que somente a ilustração do que estava no texto. Utilizando um dos princípios fundamentais da teoria Gestalt, de que o todo é mais que a soma de suas partes, quis criar ilustrações que, juntas, construíssem sua própria narrativa, mesmo que separadas falassem de coisas diferentes. Por esse motivo, foi combinado com todos os entrevistados que eu não buscava desenhar personagens que se aproximassem fisicamente deles, e sim das situações que eram relatadas.

No dia 25 de outubro, finalizei a primeira versão do texto, que logo foi encaminhado para o professor Samuel. No período em que aguardei a revisão dele, enviei também para uma colega de curso (Mariany Bittencourt), uma amiga de fora (Isadora Machry), e a sua mãe (Andréa Machry), que me auxiliaram com revisões de conteúdo, texto e gramática, respectivamente. Após receber as orientações acerca do texto, passei as duas semanas seguintes fazendo alterações, enquanto me finalizava a parte gráfica. Os desenhos foram feitos no programa Adobe Photoshop, utilizando um computador Lenovo (modelo 2018), e uma mesa de desenho Wacom.

No dia 01 de novembro, construí um modelo de diagramação para o trabalho final, em vista de me dar uma ideia de quantas ilustrações ainda deveria fazer. A diagramação final foi concluída no dia 08 de novembro, onde constatei que faltariam 24 ilustrações para finalizar (entre elas, algumas já estavam pré-desenhadas ou somente necessitavam de pequenas alterações).

Para atender a data combinada com a banca, estabeleci uma meta de deveres para fazer a cada dia, entre o dia 08 e 20 de novembro. Por dia, planejei desenhar 4 ilustrações (separando-as por tamanho e demanda), assim terminando o trabalho no dia 14 de novembro, com seis dias restantes para a finalização e impressão. Por motivos de saúde, não pude trabalhar entre os dias 08 e 11, precisando adaptar meu cronograma. No fim, acabei finalizando o trabalho entre os dias 11 e 13 de novembro (únicos dias em todo o processo que precisei trabalhar mais que a carga horária que havia planejado).

#### **4.5 Finalização**

No dia 13 de novembro, após ter finalizado as ilustrações e a revisão do texto, organizei o trabalho no projeto de diagramação feito no programa InDesign. O projeto finalizado foi enviado para cinco colegas, que buscaram falhas de diagramação, gramática e edição que eu havia deixado passar, e para o professor Samuel. Durante o dia 14 de novembro, corrigi os erros apontados e fiz uma última revisão, enviando o trabalho para a gráfica Plotmix, em Florianópolis, onde encomendei quatro cópias no seguinte formato: folha A5, papel couché 120mg, colorido CMYK.

## **5 RECURSOS**

Quando tive a primeira ideia para o projeto, soube que precisaria economizar uma certa quantia de dinheiro para que pudesse realizá-lo. Ao longo de 2018, tentei pensar em maneiras econômicas para fazer o trabalho, e busquei diversos orçamentos, até encontrar uma estimativa de preço (para a impressão e encadernação), que combinasse meu alcance financeiro com minhas ambições para o projeto.

Para a obtenção da mesa de desenho, tive o auxílio de Eduarda, minha irmã mais velha, que também trabalha na área. Ela me orientou na busca por um modelo e me auxiliou com a compra. Gastos extras foram feitos com a assinatura mensal do pacote Adobe.

No total, tive um gasto de aproximadamente R\$ 2,560,00, decorrente de: um ano de assinatura do pacote Adobe (aprox. R\$ 80,00/mês); compra da mesa digitalizadora Wacom (R\$ 900,00); Impressão e encadernação do trabalho pronto, assim como do relatório (R\$ 300,00); compra de livros para referência (aprox. R\$ 400,00). Os gastos foram cobertos com dinheiro próprio, tal qual auxílio de amigos e familiares. O restante dos materiais necessários, descritos no item a seguir, já haviam sido obtidos anteriormente.

### **5.1 Equipamentos**

Para a apuração e produção, utilizei meu computador, um modelo Lenovo 2017, com processador i7, o gravador de voz disponível em meu celular, um Moto G5, e uma mesa digitalizadora Wacom, além dos programas InDesign e Photoshop.

## **6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS**

Fico muito feliz em constatar que os aprendizados foram maiores que as dificuldades. Ao decorrer do processo, senti, diversas vezes, que estava bem preparado, pelo meu histórico do curso, a resolver os dilemas e empecilhos que surgiam nas diversas etapas que passei.

As dificuldades que mais me surgiram foram, sem dúvida, a falta de confiança e o cansaço. A falta de confiança foi predominante durante o processo de pré-apuração, até talvez a segunda ou terceira entrevista. Apesar de estar determinado e feliz com meu tema e meu formato, senti, diversas vezes, medo de não estar psicologicamente preparado para lidar com as nuances e delicadezas que um tema desses requer. Também senti, por muito tempo, que não seria capaz de finalizar os desenhos, visto que a minha experiência na área gráfica não era tão extensa.

Tive problemas nas primeiras entrevistas em encontrar a minha voz como jornalista, e medo de estar guiando as respostas que recebia ou, de alguma forma, enganando meus entrevistados. Precisei de algumas consultas com minha psicóloga (com quem compartilhei cada etapa desse processo), para adquirir de volta a confiança que precisava para finalizar o produto. Em outras vezes, precisei me cuidar para não me relacionar demais com os relatos que acompanhei, e houveram dias em que precisei me afastar do texto para não prejudicar a minha própria saúde mental.

Escrever, mesmo em primeira pessoa, sobre um tema e um contexto em que estou tão envolvido foi desafiador, mas recompensante. Tive a sensação de estar, de alguma maneira, fazendo a minha parte, com as técnicas que aprendi a desenvolver. Sinto que esse foi, com certeza, meu maior aprendizado: saber o meu local e como posso ajudar as causas que acredito com as habilidades que possuo, e não mais que isso. Por outro lado, precisei aprender a dividir a minha história com a de outras pessoas, sempre cuidando para não transformar meus relatos pessoais na parte protagonista do trabalho.

Outro grande aprendizado foi, sem dúvida, na área gráfica. Uma área que sempre me interessou mas que, por algum motivo, não me aproximei tanto quanto deveria durante a graduação, e que agora pude transformar em um diferencial para o meu trabalho. A experiência de criar e elaborar cada desenho, mesmo que cansativa, foi extremamente gratificante, e eu preciso admitir que não poderia estar mais orgulhoso do produto final.

## REFERÊNCIAS

HELLER, Eva. **A Psicologia Das Cores: Como As Cores Afetam a Emoção e a Razão**. São Paulo: Gg, 2012.

SATRAPI, Marjane. **PERSÉPOLIS (COMPLETO)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

UNA. **Desconstruindo Una**. São Paulo: Nemo, 2016.

CAROLINE, Mademoiselle; DACHEZ, Julie. **A Diferença Invisível**. São Paulo: Nemo, 2017.

PEETERS, Frederik. **Pílulas Azuis**. São Paulo: Nemo, 2015.

BUI, Thi. **O Melhor Que Podíamos Fazer**. São Paulo: Nemo, 2017.

MOON, Fábio; BÁ, Gabriel. **Daytripper**. São Paulo: Panini, 2010.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial: Princípios e práticas do lendário cartunista**. Rio de Janeiro: Wmf Martins Fontes, 2010.

BECHDEL, Alison. **Fun Home: Uma tragicomédia em família**. São Paulo: Todavia, 2018.

HART, Tom. **Rosalie Lightning: Memórias Gráficas**. São Paulo: Nemo, 2017.

TOULMÉ, Fabien. **Duas Vidas**. São Paulo: Nemo, 2018.

CAROLINE, Mademoiselle; DACHEZ, Julie. **A diferença invisível**. São Paulo: Nemo, 2017.~

GAYDOS, Sarah; RICH, Jamie S.. **Amor é amor**. São Paulo: Geektopia, 2017.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo**. 3. ed. Florianópolis: Ortiz, 1997.

FONAPRACE; ANDIFES. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das IFES**. Brasil: Andifes/fonaprace, 2019.

FIGUEIREDO, Carlos Guilherme. **Suicídio em Jovens**. Brasília: Associação Brasileira de Psiquiatria, 2012. Color.

OMS, Departamento de Saúde Mental. **PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: UM MANUAL PARA PROFISSIONAIS DA MÍDIA**. Genebra: Organização Mundial da Saúde (OMS), 2000.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto: Sistema de Leitura Visual da Forma**. 8. ed. São Paulo: Escrituras, 2008.

UFRGS, Medicina. **Previamente Hígido.** 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/previamentehigido/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

**Eu Te Amo, Agora Morra: O Caso de Michelle Carter.** Direção de Erin Lee Carr. Produção de Andrew Rossi. S.i.: Home Box Office, 2019. Color.

**THE Mask You Live In.** Direção de Jennifer Siebel Newsom. Produção de Jennifer Siebel Newsom, Jessica Congdon, Jessica Anthony. Roteiro: Jennifer Siebel Newsom, Jessica Congdon. S.i.: The Representation Project, The Annenberg Foundation, The Brin Wojcicki Foundation, 2015. Son., color.

**RICH Hill.** Direção de Andrew Droz Palermo, Tracy Droz Tragos. S.i.: Dinky Pictures, 2014. Color.

**LAST Week Tonight With John Oliver.** Nova York: Home Box Office, 2015. Color.

## ANEXOS

### DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Pedro Jofily Miranda Cruz , aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 15201498 declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *Apesar da Crise - Relatos Universitários* é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 02 de dezembro de 2019

  
Assinatura do(a) aluno(a)